

A PERCEPÇÃO DO ADOLESCENTE SOBRE A ADOLESCÊNCIA

Marina Tiemi Kobiyama Sonohara*
Alex Eduardo Gallo**

RESUMO: A adolescência é uma das fases do desenvolvimento humano caracterizada por muita rebeldia, ora tem atitudes de uma criança, ora tem atitudes de um adulto, e marcada por muitas emoções e sentimentos que entram em conflito gerando muita angústia. Assim, esta pesquisa buscou caracterizar as condições socioambientais deste desenvolvimento e suas implicações e identificar os fatores emocionais que causam a rebeldia do adolescente no contexto familiar e sua influência no processo de socialização. Os participantes desta pesquisa são adolescentes com idades entre 11 a 15 anos, de ambos os sexos igualmente divididos, compreendendo um total de 20 participantes. O recorte de amostra foi composto por dez adolescentes do sexo masculino e dez adolescentes do sexo feminino, divididas em cinco bairros escolhidos aleatoriamente do município de Astorga – PR. Os adolescentes entrevistados possuem bom conhecimento das mudanças físicas do corpo e de sua sexualidade. Conversando principalmente com os amigos sobre estes temas, reconhecem e buscam a liberdade e autonomia comum a todos os adolescentes, embora os participantes mais velhos reconheçam a necessidade dos limites.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente; Sexualidade; Relacionamento.

ADOLESCENTS' PERCEPTION ON ADOLESCENCE

ABSTRACT: Adolescence is a phase in human development characterized by revolt, alternating childish and adult attitudes, and marked by many conflicting emotions and feelings which produce deep anxiety. Current research characterizes the social and environmental conditions of development and its implications and identifies the emotional factors that cause adolescent revolt within the family context and its influence on the socialization process. Subjects comprise twenty adolescents within the 11 – 15 year-old bracket, equally divided into males and females. Sample was composed of 10 male and 10 female adolescents, from five randomly chosen districts in Astorga PR Brazil. Adolescents interviewed had a good knowledge on the body's physical changes and sexuality. They talk on these theme with friends, acknowledge and seek freedom and independence common to all adolescents, even though the older participants acknowledge the needs of certain limits.

KEYWORDS: Adolescents; Sexuality; Relationship.

* Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Bolsista PROBIC. E-mail: marina_sonohara@yahoo.com.br

** Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: aedgallo@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma das fases do desenvolvimento humano caracterizada por muita rebeldia, fase esta de transição de um indivíduo que ora tem atitudes de uma criança, ora tem atitudes de um adulto, e marcada por muitas emoções e sentimentos que entram em conflito gerando muita angústia. Angústia esta, quando não superada, torna a sua vida como um vulcão que está prestes a explodir, acarretando atitudes e consequências indesejáveis. Por quais pilares pode o adolescente se nortear para que ele supere esta fase de desenvolvimento tão conturbada e se tornar num adulto sem neuras? Assim, esta pesquisa buscou analisar o processo de desenvolvimento do adolescente, visando caracterizar as condições socioambientais deste desenvolvimento e suas implicações e identificar os fatores emocionais que causam a rebeldia do adolescente no contexto familiar e sua influência no processo de socialização.

O ser humano é um ser social influenciado por toda uma cultura acumulada de gerações, como os seus costumes e valores, e de instituições necessárias para a continuidade da sociedade. Ele transforma esta sociedade em que vive através da relação com o outro, da identidade social, do uso da linguagem, das instituições família e escola e do trabalho humano (LANE, 2002)

Segundo a mesma autora, para nos tornarmos sociais, precisamos estar inseridos num contexto histórico, e isto acontece desde o momento em que o homem nasce, pois ele precisa de outras pessoas para sobreviver. E o modelo que cada grupo/sociedade cultiva e acha certo são práticas consideradas primordiais que, se não forem seguidas, darão direito aos outros de interferirem. Isto significa que a sociedade tem normas e/ou leis que institucionalizam estes comportamentos que historicamente vem garantindo a manutenção desse grupo social (LANE, 2002).

A família é considerada como agente socializador primário em nossa sociedade e, neste contexto, os filhos começam a adquirir crenças, atitudes, valores, e comportamentos considerados apropriados para a sua sociedade. Enfocando o processo adolescente dentro deste contexto familiar, para muitos pais a percepção de que o filho está se tornando um adolescente só acontece ao se darem conta das modificações corporais ocorridas com o mesmo, mas o desenvolvimento psicossocial não é considerado. Há muitas queixas associadas aos comportamentos dos filhos porque estes não são entendidos como característicos da adolescência, mas sim percebidos como uma malcriação dos filhos (comportamentos não aprovados). Assim, muito frequentes são as queixas quanto à instabilidade de comportamento, indisciplina, rebeldia dos filhos (FORTE, 1996).

A adolescência tem sido definida como um período de transição entre a infância e a vida adulta, período este marcado por um importante crescimento e desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, moral e social, com o rápido e intenso crescimento físico caracterizado pelo estirão da puberdade e do processo de modificações psicossociais. Estas modificações quantitativas e qualitativas tão impressionantes conferem à adolescência um salto no desenvolvimento. Termos como transição, passagem, transformação, modificação e mudança são empregadas com frequência nos textos sobre adolescência (CHIPKEVITCH, 1995).

A exemplo do estirão puberal, a adolescência é marcada pelo estirão cognitivo, um conjunto de importantes transformações quantitativas e qualitativas da estrutura do pensamento, que modifica sensivelmente a representação que a adolescência faz de si e do mundo. Assim como o processo puberal repercute intensamente na vida psicossocial e requer uma reelaboração da imagem corporal, também as modificações cognitivas se refletem profundamente no comportamento e na

emotividade do adolescente, exigindo sua adaptação ao novo modo de pensar. Para Piaget, o adolescente se encontra na fase das operações formais (idades entre 11 a 15 anos) do desenvolvimento cognitivo, onde o desenvolvimento caminha da solução lógica dos problemas concretos à solução lógica de todos os tipos de problemas. Durante a adolescência, o pensamento formal é inicialmente caracterizado por sua própria forma de egocentrismo. O adolescente tenta reduzir todo raciocínio ao que é lógico e, ao mesmo tempo, ele tem dificuldade de coordenar seus ideais emergentes com o que é real. Como um processo em continuação, a personalidade se define quando o adolescente começa a adaptar o seu ao mundo adulto (WADSWORTH, 2003)

Podemos expressar essa ideia pelas palavras de Daniel Becker:

Então, um belo dia, a lagarta inicia a construção do seu casulo. Este ser que viva em contato íntimo com a natureza e a vida exterior, se fecha dentro de uma casca, dentro de si. E dá início à transformação que o levará a um outro ser, mais livre, mais bonito (segundo algumas estéticas) e dotado de asas que lhe permitirão voar. Se a lagarta pensa e sente, também o seu pensamento e o seu sentimento se transformarão. Serão agora o pensar e o sentir de uma borboleta. Ela vai ter um outro corpo, outro astral, outro tipo de relação com o mundo (BECKER, 2003, p. 14).

É importante considerar as expectativas da família frente ao adolescente. No processo de estabelecimento da identidade do adolescente, pede-se a ele independência em relação à família ao mesmo tempo em que se espera dele comportamento de obediência e submissão. A adolescência em nossa sociedade se caracteriza por uma condição que não é mais a de criança, mas nem deve ser ainda a do adulto. É a “condição de adolescente”, selada pela provisoriabilidade. Os filhos lutam pela independência de modo ambivalente (querendo e não querendo) e os pais também se comportam de modo

ambivalente, pois, ao exigirem a independência de seus filhos com relação a eles mesmos, também o fazem de modo ambíguo, comportando-se como bloqueadores da independência dos filhos. Assim, a capacidade de abertura e reflexão desses pais, a maneira com que eles lidam com seus próprios conflitos e a compreensão que tiveram com relação aos conflitos dos filhos é que vão determinar a sua reação perante o adolescente. O uso da violência, da repressão e do autoritarismo e, por outro lado, a falta total de limites e a satisfação de todos os desejos e caprichos podem criar sérias dificuldades ao desenvolvimento da personalidade do adolescente (FORTE, 1996; BECKER, 2003).

A vida emocional adquire uma grande intensidade e um colorido especial durante a adolescência. Talvez em nenhum outro período da vida as emoções são experimentadas com tanta veemência, sensibilidade e contradição, como nesta fase. Sentimentos fazem parte da experiência de socialização e constituem respostas à qualidade desta experiência. As competências em preencher as expectativas sociais no cumprimento das tarefas de desenvolvimento levam a sentimentos positivos de autoestima, segurança e otimismo, enquanto fracassos na individuação e socialização causam sentimentos de ansiedade, culpa, raiva, autodepreciação, inadequação e vazio existencial. Bem como as evidências quanto às influências dos hormônios sobre as emoções e os comportamentos estão correlacionados ao comportamento agressivo, sentimento de raiva, baixa tolerância a frustrações e humor depressivo (CHIPKEVITCH, 1995).

A crise de identidade do adolescente é marcada, também, por uma confusão de identidade, que desencadeará um processo de identificações com pessoas, grupos e ideologias que se tornarão uma espécie de identidade provisória ou coletiva. Em meio a essa crise, o jovem vai partir em busca de novas identificações, novos padrões de comportamentos e,

também, da necessidade de pertencer a um grupo, pois ele se encontra no meio caminho entre a infância e a vida adulta, ouvindo afirmações como “você é grande para isso” ou “você é muito pequeno para essas coisas”, ficando marginalizado tanto no mundo adulto quanto no infantil. Assim, o grupo ajuda o jovem a encontrar a própria identidade num contexto social. No grupo existe certa uniformidade de pensamentos, comportamentos e hábitos, e o adolescente procura conforto em sua roda de companheiros, padronizando suas ideias e suas atitudes, um servindo de modelo para o outro, pois sofrem angústias semelhantes (BECKER, 2003).

Nestes grupos, podemos dizer que não há apenas um conjunto de colegas, mas uma verdadeira confederação que interage de forma regular, define um sentido de pertencimento, formula suas próprias normas, que especificam como seus membros devem se vestir, pensar e se comportar, e desenvolvem uma estrutura hierárquica organizacional com líder e outros papéis, que permite aos membros do grupo trabalhar juntos na realização de objetivos comuns (SHAFFER, 2005).

O viver em grupos permite o confronto entre as pessoas e cada um vai construindo o seu “eu” neste processo de interação, através de constatações de diferenças e semelhanças entre nós e ou outros. É neste processo que desenvolvemos a individualidade, a nossa identidade social e a consciência-de-si-mesmo (LANE, 2002).

A formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. Portanto, a construção

da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio em que está inserido. Enfatiza, ainda, que a identidade não deve ser vista como algo estático e imutável, como se fosse uma armadura para a personalidade, mas como algo em constante desenvolvimento (ERIKSON, 1972).

Delineia-se, assim, o período da adolescência. Período situado entre a infância e a vida adulta e caracterizado por mudanças significativas em todos os níveis do ser. Momento de experimentação de novidades físicas, hormonais, intelectuais, culturais, emocionais, familiares, sociais e morais. É por essa condição de novidade, tão intrinsecamente ligada a essa fase da vida, que dizemos ser a adolescência caracterizada pelo desejo de rompimento com os modelos já estabelecidos na procura de seus próprios modelos, principalmente no que diz respeito ao relacionamento familiar e social (MENEZES, 2003).

2 PROCEDIMENTO

Esta proposta consiste em uma pesquisa do tipo qualitativa e descritiva, visando à compreensão e interpretação dos fatos e informações a serem levantadas em um estudo de campo. A análise sustentou-se no referencial socio-histórico e dentro das teorias do desenvolvimento.

Os participantes desta pesquisa são adolescentes com idades entre 11 a 15 anos, de ambos os sexos, igualmente divididos, compreendendo um total de 20 participantes. O recorte de amostra foi composto por dez adolescentes do sexo masculino e dez adolescentes do sexo feminino, divididas em cinco bairros escolhidos aleatoriamente do município de Astorga - Paraná. De cada bairro foram escolhidos dois adolescentes de ambos os sexos de alguma rua aleatória deste. A coleta iniciou-se do lado direito da

rua até encontrar os participantes necessários, não os encontrando, realizou-se a coleta do lado esquerdo da mesma. Ainda assim, onde não foi possível encontrar a quantidade de participantes necessários nesta rua, foram escolhidos nas ruas paralelas à mesma, fazendo o mesmo procedimento.

O material utilizado como instrumento de observação para obtenção de dados foram a entrevista por pautas e a aplicação do teste Child Behavior Checklist, esta com o objetivo de avaliar problemas de comportamento. Esta entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

O levantamento dos dados coletados refere-se aos adolescentes da faixa etária de 12 a 15 anos de idade, totalizando 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. A idade média dos sujeitos observados foi de 13,4 anos; a escolaridade que mais se destacou foi a 7ª série; a religião que mais se destacou foi a religião católica, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 1 Identificação dos adolescentes

Nome	Sexo	Nascimento	Idade	Escolaridade	Religião
G. H. C.	M	30/02/96	12 anos	7ª série	evangélica
L. R. S. S.	M	18/09/96	12 anos	7ª série	católica
M. S. L.	F	20/12/96	12 anos	7ª série	evangélica
P. D. F.	M	03/09/96	12 anos	7ª série	evangélica
E. M. C.	M	22/03/96	12 anos	7ª série	evangélica
J. V. O. G.	M	25/09/96	12 anos	7ª série	católica
M. O. F.	M	26/02/96	12 anos	7ª série	Não sei
T. A. R. S.	F	19/09/95	13 anos	8ª série	católica
L. I. T.	M	22/09/95	13 anos	8ª série	católica
L. C. S. S.	F	02/02/96	13 anos	7ª série	católica
A. P. S. D.	F	13/09/94	14 anos	1º do ens.méd.	católica
D. S.	M	31/08/94	14 anos	6ª série	crente
L. C. R.	F	26/02/94	14 anos	8ª série	evangélica
P. H. R. S.	M	03/04/94	14 anos	7ª série	católica
L. A. D.	F	09/04/94	14 anos	1º do ens.méd.	católica
P. H. S. S.	M	02/09/93	15 anos	2º do ens.méd.	católica
A. G. A.	F	01/07/93	15 anos	2º do ens.méd.	católica
C. S. P.	F	29/03/93	15 anos	2º do ens.méd.	católica
G. F. C. C.	F	06/02/93	15 anos	1º do ens.méd.	católica
K. F. D.	F	16/10/93	15 anos	2º do ens.méd.	católica

Fonte: Elaborada pelos autores

Quanto aos irmãos dos pesquisados, 5 eram do sexo feminino com idades variando entre 7 a 27 anos, e 17 eram do sexo masculino com idades variando entre 9 a 28 anos de idade.

Na filiação, predominou-se a instituição casamento; a idade média do progenitor foi de 43,27 anos; com predomínio do 2º grau completo no nível de instrução. Dentre as profissões destacaram-se as de empresário, funcionário público, eletricitista, bancário, mecânico, técnico de produção, padeiro, pintor, caminhoneiro, pedreiro e vendedor ambulante. A média de idade da progenitora foi de 41,05 anos. O nível superior foi o que mais se destacou entre o grau de instrução. Dentre as profissões destacaram-se as de professora, restauradora, funcionária pública, bancária, manicure, dona de casa e merendeira.

Através das observações realizadas durante as entrevistas com os pais e os adolescentes, verificou-se que os sujeitos vivem dentro de suas realidades e possibilidade financeiras. Em sua maioria perceberam-se harmonia e equilíbrio no convívio familiar de respeito, valores e regras e a importância do estudo para garantir um futuro melhor, bem como um ambiente socializador e estimulador das amizades. Shaffer (2005) define este tipo de família como estilo parental competente, com a junção do carinho com o controle parental moderado e racional, através da dosagem de amor e limites, e estimula o aumento da autoconfiança, motivação de realização e a elevação da autoestima. Na ausência desta orientação, os adolescentes não conseguem aprender o autocontrole e se tornam bastantes egoístas.

Ainda segundo este autor, os conflitos e disputas por poder são algo praticamente inevitável na luta por autonomia. Ainda assim, a grande maioria dos adolescentes e seus pais são capazes de resolver tais diferenças mantendo, ao mesmo tempo, sentimentos positivos uns com os outros, na medida em que

renegociam seu relacionamento e se tornam mais igualitários. Como resultado, os jovens em busca de autonomia tornam-se mais seguros no tocante a si mesmo ao desenvolverem ao mesmo tempo um apego mais amigável com seus pais. Segundo o levantamento realizado entre os jovens, “O ser adolescente” é:

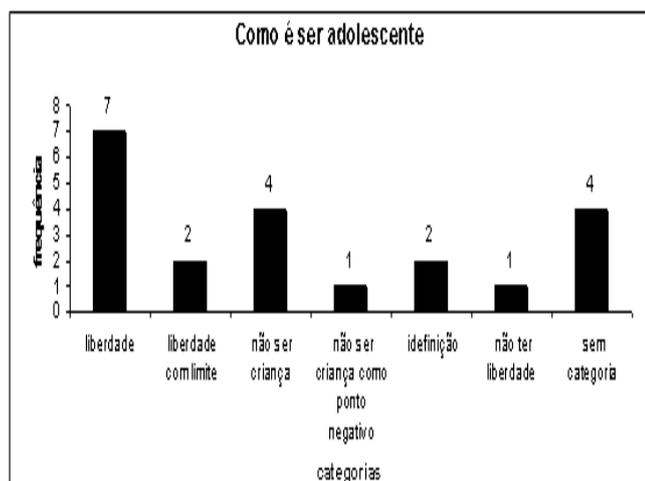


Gráfico 1 Como é ser adolescente.

A busca da liberdade almejada pelos adolescentes foi assim expressada:

“[...] vai pra casa das amigas, deixa de brincar de boneca, vai na pastelaria, sempre vou na pastelaria, pizaria, saio, combino de ir na casa da outra, mais liberdade né, liberdade” (15 anos, sexo feminino).

A liberdade com limite imposta pelos progenitores como uma forma de estabelecer a responsabilidade com independência / autonomia:

“[...] a partir dos quinze anos vou poder sair sozinho, chegar mais tarde. Saio mas tenho que voltar até a hora que a minha mãe fala” (12 anos, sexo masculino).

O não ser mais criança visto do ponto de vista dos adolescentes:

“[...] a gente vai amadurecendo, engrossando

a voz, não quer brincar mais tanto que nem antes, quer ficar conservando, sei lá, antes brincava de carrinho, de arminha [...]” (12 anos, sexo masculino).

“[...] agora brinco no computador, é bem diferente de quando era criança e ficava brincando de boneca [...]” (13 anos, sexo feminino).

Do ponto de vista negativo do não ser mais criança foi relatada:

“[...] é um pouco complicado né, tem que pensar como você tá assim, sujou a roupa (menstruação), essas coisas assim. Ser criança é mais fácil que ser adolescente” (14 anos, sexo feminino).

O conflito de estar passando por esta fase de transição foi relatado pelas indefinições:

“[...] grande para alguma coisa e pequeno pra outra” (14 anos, sexo feminino).

“[...] bom, mas, ao mesmo tempo é ruim” (15 anos, sexo feminino).

O excesso de atividades faz o adolescente não ter tempo para si próprio, não ter liberdade:

“[...] hoje não brinco como brincava antes. Meu dia é corrido, cedo tenho escola, a tarde de segunda, quarta e sexta vou pro CEASFAM (Centro de apoio sócio familiar), na terça e quinta sempre tenho que fazer trabalho de alguma coisa assim, sábado e domingo vou pra igreja” (15 anos, sexo feminino).

Nas culturas ocidentais os sujeitos do sexo feminino costumam passar, segundo Shaffer (2005), a se preocupar com sua aparência, esperam ser vistas como atraentes, valorizando a magreza, preocupam-se com o fato de estar crescendo ou engordando muito, e suas imagens corporais gradativamente se tornam negativas do início ao fim da adolescência, bem como até as que possuem medidas equilibradas podem tentar compensar problemas físicos que elas percebem tendo

má postura, usando roupas largas ou tentando dietas infundáveis. As reações quanto à menarca são meio conflitantes, geralmente estão alegres, mas de alguma forma confusas, especialmente se amadurecem muito cedo ou não foram avisadas sobre o que esperar desta fase. Já para os meninos, segundo o mesmo autor, a sua percepção da imagem corporal é mais positiva, eles tendem a aceitar melhor o aumento de peso do que as meninas. Meninos esperam serem altos, peludos e bonitos, podendo preocupar-se com os aspectos da imagem corporal que se centram nas características físicas e atléticas.

Os pais, segundo o mesmo autor, podem ajudar seus filhos a se ajustarem com sucesso à puberdade ao manter um relacionamento próximo, uma abertura na comunicação, sendo paciente e ajudando-os a aceitarem a si mesmo e a todas as mudanças físicas e sociais que estão experimentando. Segundo esta pesquisa, percebe-se esta abertura valorizada pelos adolescentes onde enfrentam esta fase de forma mais tranquila. Assim, a forma como os adolescentes lidam com as transformações que ocorrem com o seu corpo e sentimentos nesta fase de desenvolvimento foram caracterizadas da seguinte forma: de forma positiva, negativa, consciente, insegurança e sem categoria, conforme gráfico abaixo:

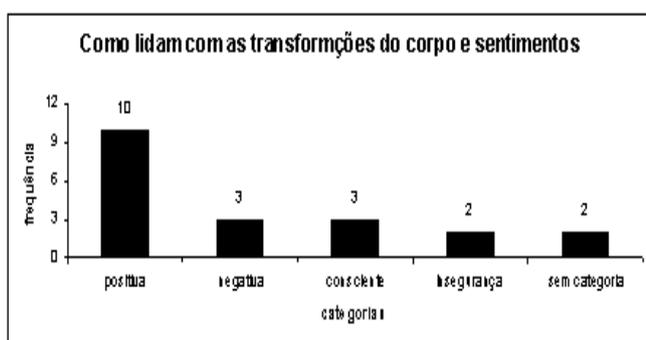


Gráfico 2 Como lidam com as transformações do corpo e sentimentos.

Os sujeitos que aceitam de forma positiva a adolescência podem ser descritos da seguinte forma:

“tô tendo músculo, tá nascendo bigode, tô me sentindo mais homem, tô gostando desta fase” (12 anos, sexo masculino).

“[...] agora eu adoro meu corpo, no começo quando começou a desenvolver tudo eu não gostava, não saía de la forete só de camiseta, hoje eu gosto de la forete”(15 anos, sexo feminino).

Os sujeitos percebem esta fase de desenvolvimento de forma negativa:

“foi ruim, porque sei lá, todo mês tem que ficar comprando modes, tem que ficar lavando os lugar lá [...]” (15 anos, sexo feminino).

Alguns sujeitos percebem esta fase de forma consciente:

“[...] na escola de 1ª a 4ª série eles falavam assim dessas coisas sabe, então já sabia o que ia acontecer, tava meio preparada” (12 anos, sexo feminino).

Outros sentem inseguranças nesta fase:

“[...] às vezes me dá um negócio e começo a chorar do nada, minha mãe pergunta porque tá chorando e não sei explicar, só dá vontade de chorar, sei lá” (14 anos, sexo feminino).

Observou-se a preocupação/curiosidade dos pais após a entrevista dos filhos, em saber se as respostas do filho entraram em conflito com os seus, mesmo sabendo que os instrumentos eram diferentes. Apesar de haver certa abertura no elo de ligação entre eles, percebe-se uma certa insegurança quanto à sua forma de educar seus filhos, dentre as curiosidades os pais gostariam de saber o que o filho esconde deles; se eles já tiveram algum tipo de relacionamento (principalmente sexo); como eles percebem/veem os pais. Alguns pais comentaram ao entrevistador que esta pesquisa os fizeram refletir sobre seus filhos:

“hoje você me fez parar e pensar sobre meu filho, das coisas que acontecem no nosso dia a dia que passa batido” (progenitor do sexo feminino, do sujeito de 12 anos do sexo masculino).

“e agora heim, você me prensou...., deixo pensar” (progenitor do sexo feminino, do sujeito de 13 anos do sexo masculino).

A qualidade do relacionamento familiar entre os sujeitos pesquisados foram definidos como bom por 17 sujeitos; ótimo por 1 sujeito; ruim por 1 sujeito e não respondeu por 1 sujeito. O “papo aberto com os familiares” teve a predominância com a mãe com 10 sujeitos; amigos com 6 sujeitos; pais com 5 sujeitos; irmão com 5 sujeitos; pai com 3 sujeitos.

Shaffer (2005) relata que pais competentes, carinhosos, nem tanto controladores ou relaxados, e firmes em suas táticas de disciplina geralmente descobrem que seus filhos adolescentes são muito apegados a eles e internalizam seus valores. Esses adolescentes pouco têm com que se rebelar, nem a necessidade de buscar desesperadamente a aceitação de seus pares quando são tão bem recebidos em casa:

“É bem, normal, ajudo todo mundo a fazer as coisas. Tenho papo aberto, converso com eles” (14 anos, sexo masculino).

“[...] é um relacionamento bom com a minha família, gosto muito deles, do meu pai e da minha mãe, dos meus avós. Tenho um papo aberto mais com o meu pai” (12 anos, sexo masculino).

Para Shaffer (2005) os adolescentes percebem que seus irmãos mais velhos são importantes companheiros com quem podem

contar como apoio e companhia, na busca de orientações, na comunicação de seus desejos, necessidades e reações emocionais a conflitos, provendo o desenvolvimento das habilidades de troca de perspectivas, compreensão emocional, capacidade de negociar e de se comprometer, além de formas

mais maduras de raciocínio moral, apesar de seu relacionamento com estes ter sido, muitas vezes, uma verdadeira tempestade. Como relata o adolescente que, apesar do bom relacionamento com os pais, se abre mais com seu irmão mais velho:

“Me dou bem com meus pais né, a noite faço massagem no meu pai todo dia, eu amo minha família, eu gosto deles. Não falo tudo, tudo não com eles,...] As outras coisas converso com meu irmão, falo sobre as meninas, ele me dá conselho e ele não conta pra ninguém” (12 anos, sexo masculino).

Shaffer (2005) relata que, apesar de os adolescentes continuarem a considerar a lealdade e as características psicológicas comuns como característica compartilhada por amigos, seu conceito de amizade passa a focar no compromisso emocional recíproco, isto é, amigos são companheiros íntimos que realmente entendem e são capazes de aceitar as fraquezas uns dos outros e sentem o desejo de compartilhar seus sentimentos e pensamentos mais íntimos. Como relata os sujeitos abaixo:

“bem, tenho um papo mais ou menos aberto, como conversar o necessário e olha lá, com o meu pai é mais aberto. Quando tenho algumas dúvidas comento com minhas amigas” (14 anos, sexo feminino).

“é bom, a gente não briga muito. Tenho um papo aberto, não tudo né, mais com meu pai. As outras coisas converso mais com meus amigos” (15 anos, sexo masculino).

Infelizmente, segundo Shaffer (2005), adolescentes que apresentam comportamentos antissociais geralmente começam em casa. Uma maneira de os pais seguirem pelo caminho errado é ser extremamente restritos, não se ajustando às necessidades do adolescente de obter maior autonomia. Podendo levar os jovens a se alienarem de seus pais e se tornarem extremamente suscetíveis à influência do grupo de pares, a ponto de deixar de lado as lições de

casa ou quebrar regras parentais só para agradar seus amigos:

“Ruim, porque não respeito ninguém por teimosia. Gosto da família mas não sei porque faço isso. Tenho papo aberto, com a tia é mais ou menos, com o meu pai é péssimo” (12 anos, sexo masculino).

No espaço de convivência familiar podem ocorrer conflitos, segundo Salem (1980), *in* Kaloustian (1994): “cada ciclo familiar da vida familiar exige ajustamento por parte de ambas as gerações, envolvendo, portanto, o grupo como um todo”. A forma de lidar com este conflito para Kaloustian (1994); Papalia (2006), pode ser através do modelo autoritário com opressões e silenciamentos dos mais fracos, bem como através do modelo democrático e de respeito pelas diferenças através do diálogo. Percebe-se nesta pesquisa a predominância pelo modelo democrático, 16 adolescentes responderam que não há conflitos familiares e 4 sujeitos confirmaram a existência de conflitos familiares:

“muito pouco, muito pouco mesmo, assim meus pais não brigam. Às vezes tem briguinha assim, que eu não obedeco, assim essas coisas sabe” (12 anos, sexo masculino).

“[...] Tem violência verbal, meu pai xinga eu demais” (15 anos, sexo feminino).

“sim, tem conflitos principalmente com minha mãe, tem que ser do jeito dela, ela é nervosa, aí existe. Meu pai nem tanto, com minha mãe sim. eu sou nervosa aí discuto com ela porque ela é nervosa também.” (14 anos, sexo feminino).

Shaffer (2005) relata que os amigos são fontes potencialmente significativas de segurança e apoio social. Papalia (2006) complementa afirmando que a amizade baseia-se em escolha e comprometimento. Eles brigam com menos intensidade e resolvem conflitos de forma mais igualitária com os amigos do que com os membros da família, talvez porque o excesso de conflito poderia fazê-los perder a amizade. A intensidade

e a importância das amizades, bem como o tempo passado com os amigos são maiores na adolescência do que em qualquer outra fase. A maior intimidade da amizade reflete o desenvolvimento cognitivo, pois são mais capazes de expressar seus sentimentos e seus pensamentos privados. Depositar confiança no amigo ajuda os jovens a explorarem seus próprios sentimentos, a definirem sua identidade e a validarem seu próprio valor. A amizade oferece um lugar seguro para arriscar opiniões, para admitir fraquezas e obter ajuda na resolução de problemas.

A partilha de confidências e apoio emocional, segundo Papalia (2006), é mais importante às amizades femininas do que às amizades masculinas. Nas amizades masculinas há menos conversa e mais atividades em comuns, geralmente esportes e jogos competitivos. As meninas sentem-se melhor depois de relatar a uma amiga uma experiência desagradável ajudando-a, do que os rapazes que expressam apoio simplesmente fazendo as coisas juntas. Segundo a pesquisa, o relacionamento com os amigos foi considerado em sua totalidade como bom; 15 sujeitos relataram que seus amigos são do mesmo sexo e 5 sujeitos relataram que são de ambos os sexos; os temas que surgem na roda desses amigos são: menino/menina, namorar, escola, sexo, esportes/jogos e sobre tudo:

“[...] A gente fala sobre tudo, tipo assim, sobre família, sobre né, sobre estudo, sobre sexo, tudo” (15 anos, sexo feminino).

Segundo Backer (2003), a adolescência é uma fase de novas sensações e experiências antes completamente desconhecidas. O primeiro contato se faz normalmente através do álcool e do cigarro; apesar de ser proibido para menores, ele é socialmente aceito, existe certa permissividade em relação a este consumo, como se verificou quando perguntados se seus amigos já se envolveram em atos contrários a lei, 16 sujeito

negaram o envolvimento e 4 confirmaram o envolvimento com álcool, drogas e hackers:

“Uma amiga falou que ficava hackeando o ORKUT, essas coisas que não pode e a policia tava atrás deles” (12 anos, sexo feminino).
 “[...] você considera beber bebida alcoólica contra lei? (você considera?) eu acho que sim. Sim” (14 anos, sexo feminino).
 “Já com droga” (15 anos, sexo feminino).
 “Ah já, bebem e fumam, bebida é contra a lei. Eles tem menos de dezoito anos né, eu não concordo com isso” (15 anos, sexo feminino).

Dos sujeitos entrevistados, 9 relataram que conhecem alguém que já usou ou usa drogas, 11 não conhecem e ninguém tem a intenção de experimentar um dia, mesmo que oferecessem a eles. Entre os meios de comunicação nos quais ouviram falar sobre a droga estão a televisão, o jornal e a escola. Dentre as drogas de que já ouviram falar estão o crack, a maconha, a cocaína, o êxtase, a heroína, o cigarro e o álcool. Os sujeitos têm a consciência da gravidade do uso abuso da droga, da sua dependência e que se pode chegar a óbito. Eles relataram que:

“[...] a droga é algo muito ruim sabe, que tem gente que é mal tratada pela família vai lá e usa a droga porque a droga deixa ela tranqüila, mas deixa ela louca, louca, isso que é droga, vai viciando alguém até a morte” (12 anos, sexo masculino);
 “[...] a droga pra mim destrói o corpo, destrói relacionamento, destrói a vida da pessoa” (15 anos, sexo feminino).

Os temas ficar, rolo e namorar foram um assunto em que os sujeitos ficaram embaraçados, envergonhados e tiveram dificuldades em os relatar, e os mais tímidos enrubesceram. Houve a necessidade de se reafirmar que o conteúdo da entrevista não seria relatado aos pais, mesmo sobre pressão, e que a identidade dos sujeitos estaria em sigilo. Os temas foram assim definidos:

Tabela 2 Definição de ficar, rolo e namorar.

Ficar	Rolo	Namorar
Beijar	Ficar enrolando para beijar	Beijar
Dura	namorar	Abraçar
semanas/meses	Rolo é igual ficar	Transa/sexo(com camisinha)
Dura um dia, uma noite	Namoro não sério	
Dura dia/semana	É briga	Pedir permissão aos pais
Ficar de mãos dadas	Não sei	Andar de mãos dadas
É algo escondido	Ficar com um e com o outro	Passear
Conversar	Indecisão se namora ou não	Sexo depois dos 17/18 anos
	Ficar presa a pessoa	Apresentar à família
	É o ficar sério	Sexo depois do casamento
		Não sei
		Todo mundo sabe (algo aberto)
		Compromisso
		Mais intimidade
		Algo mais sério
		Gostar de verdade
		Sair só com o namorado

Fonte: Elaborada pelos autores

Os sujeitos pesquisados, em sua maioria, possuem noção sobre os temas, bem como já experimentaram alguns destes tipos de envolvimento, corroborando com o que Chipkevitch (1995) relata: que o “ficar”, uma instituição moderna, que surgiu no final da década de 80, é um grau intermediário entre a paquera e o namoro; “fica-se” com alguém geralmente por poucas horas, ou mesmo minutos, em festas, na praia, danceteria, entre outros lugares. Esse encontro envolve conversas, beijos e, às vezes, carícias íntimas, que pode chegar para o intercuro sexual. Não há compromisso, nem envolvimento afetivo e, no dia seguinte, o par pode até fazer de conta que não se conhecem:

“[...]Ficar é quando uma menina ou menino ah, não sei como falar, não tem conhecimento da pessoa, ah beija ela umas cinco vezes, sei lá na festa, fica na festa e depois saem sem

compromisso, sem sentimentos. Pra rolar sexo, depende da pessoa, normalmente com pessoas mais velhas rola sexo né” (15 anos, sexo feminino).

Segundo Chipkevitch (1995), quando um encontro de “ficar” se repete durante dias ou semanas, mas ainda sem compromisso, chama-se isso de “rolo”, que pode evoluir para um namoro mais firme:

“[...] Rolo é antes de namorar é ficar, é igual ficar, é só um jeito diferente de falar, acho, pode durar um mês, assim, pode ficar com mais de uma pessoa dependendo de cada pessoa” (15 anos, sexo feminino).

Chipkevitch (1995) relata que, na fase do namoro, o envolvimento afetivo com o(a) namorado(a) pode ser bastante avassalador, embora as primeiras paixões da adolescência tendam a ser efêmeras e a ter poucas repercussões a longo prazo. À medida que cresce a intimidade entre os namorados e o relacionamento vai se tornando mais profundo e afetivo, a importância do grupo de pares diminui, enfraquecendo a necessidade do grupo, podendo ocorrer certo afastamento mesmo dos amigos mais importantes. Esta capacidade de se tornar íntimo do outro tanto nas relações de namoro e de amizade, implica em saber dar e receber, numa relação recíproca de afeto, confiança e responsabilidade:

“[...] Namorar você tem que pedir permissão pro seus pais e pros o pai dela e namora, sai pra passear junto com os amigos, pode andar de mãos dadas, beijando toda hora, e depois que namora bastante, fica maior de idade e acaba se casando. A transa só rola se a pessoa for maior de idade se não, não, se for maior de 17 pode” (12 anos, sexo masculino).

Dentre os entrevistados 50% já tiveram algum tipo de relacionamento:

Tabela 3 Tipos de relacionamentos.

Relacionamentos	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos
Já ficou	3	1	1	1
Já teve rolo				2
Já namorou			1	1
Não tive nenhum relacionamento	4	2	3	1
O que mais deseja é ficar	3		1	2
O que mais deseja é namorar	1	1	2	3
Ainda é cedo pra me relacionar	3	2	2	
O sexo vai rolar só depois do casamento		1	2	1
Pode rolar sexo no namoro	7	1	1	4
Não teve relação sexual	7	3	4	5

Fonte: Elaborada pelos autores

As panelinhas e turmas, segundo Shaffer (2005) e Bee (1997), permitem aos adolescentes expressar seus valores e tentar novos papéis ao iniciar a formação de uma identidade desvinculada da família, como também parte da preparação para o ato de o jovem assumir uma identidade sexual adulta completa. A sexualidade física é parte desse papel, embora o sejam as habilidades para a intimidade pessoal com o sexo oposto, o que inclui o flerte, a comunicação e a leitura de dicas sociais utilizadas por cada um dos sexos. Habilidades estas que estabelecem as relações amorosas.

Sujeitos da faixa etária de 12 anos relataram que já ficaram, classificam a experiência como boa; no namoro pode rolar sexo; ainda não tiveram experiências sexuais, bem como há sujeitos que não tiveram nenhum tipo de experiência:

“[...] Já fiquei, umas duas semanas, fiquei umas 11, 12 vezes. Comecei a ficar com 12 anos de idade” (12 anos, sexo masculino);
 “[...]Eu já fiquei, a sensação foi boa, gostei, já fiquei umas 3 vezes

e durou algumas horas” (12 anos, sexo masculino);
 “[...] Ainda não tive nenhum relacionamento, não tenho vontade ainda não” (12 anos, sexo feminino).

Sujeitos da faixa etária de 13 anos, em sua maioria, não tiveram nenhum tipo de relacionamento, pois acham que ainda é cedo:

“[...]Já fiquei, a experiência foi boa, já fiquei bastante e já conversei com minha mãe que já fiquei” (13 anos, sexo masculino);
 “[...] Ainda não tive nenhum tipo de relacionamento não, acho que o namorar é mais fácil, que mais desejo” (13 anos, sexo feminino).

Sujeitos da faixa etária de 14 anos, em sua maioria, não tiveram nenhum tipo de relacionamento, não pode haver sexo antes do casamento; porém, um sujeito manteve relação sexual sem proteção, como podemos descrever o caso do sujeito que engravidou e só acreditará neste fato quando o bebê nascer:

“[...]Eu to namorando uns sete meses por ai, o namorado assumiu a gravidez. Não tenho nada contra a gravidez, mas a gente só acredita quando nascer, já tô no 6º mês, sinto normal” (14 anos, sexo feminino).

Infelizmente, adolescentes sexualmente ativos não utilizam métodos contraceptivos porque, segundo Shaffer (2005), possuem poucas informações sobre a reprodução humana, são demasiados imaturos cognitivamente para levar a sério as consequências a longo prazo que seus comportamentos/attitudes podem trazer e como consequência a possibilidade de uma gravidez indesejável, bem como contrair DTS. Para a adolescente que tem um bebê, as consequências mais prováveis incluem uma educação interrompida, perda de contato com sua rede social. Apesar de a adolescente grávida da pesquisa dizer que não vai parar os estudos porque quer dar um futuro para o seu filho, precisou

trabalhar no contraturno do período escolar para poder garantir o sustento deste filho, mesmo com a ajuda financeira de seus pais. E, devido ao estado gestacional, houve o afastamento dos seus amigos. Há uma tendência desta adolescente não estar emocionalmente e psicologicamente preparada para a maternidade, o que pode afetar o desenvolvimento futuro do bebê.

Os sujeitos da faixa etária de 15 anos de idade, em sua maioria, já tiveram algum tipo de relacionamento, entendem que pode haver sexo durante o namoro, porém, consideram que é cedo para isso:

“[...] Já tive rolo e ficar sério, acho o ficar sério é o mais legal, no namoro às vezes você nem tem assunto pra falar, sabe, não pode ir nos lugares se o namorado não deixar. Acho que pra namorar sério tem que ser depois dos dezoito anos, sabe, e transar, se tiver uma boa cabeça. Acho que sou nova ainda, tenho só quinze anos, sabe. Conheço meninas de quinze que já transam, mas pra mim acho que é cedo” (15 anos, sexo feminino).

Chipkevitch (1995) relata que, ao mesmo tempo em que se tornam mais sensíveis e emotivos, os adolescentes mostram bastante dificuldades em reconhecer, nomear e comunicar seus sentimentos. A privacidade é cada vez mais requerida, querem ter a chave do quarto e da gaveta, tornam-se mais secretos, preservam com mais cuidado a sua intimidade e recolhem-se em si mesmo. Este refúgio traz segurança e confere ao adolescente o tempo necessário para repensar a sua experiência. Dentre os temas ou assuntos sobre que eles gostariam de conversar, mas não têm coragem de perguntar aos outros, foram: obesidade, sexo, como é gostar de alguém, namorar, amar, amor e gravidez:

“[...] meus amigos fala assim, eles gostam de ser magrinhos, sabe, não falo do meu peso se não eles ficam tirando sarro, sabe, mas também ninguém conversa sobre isso” (12 anos, sexo masculino);

“O que é gostar de alguém, amar, amor, como é namorar, beijar, nem com minha irmã tenho coragem de perguntar, fico com vergonha” (14 anos, sexo feminino);
 “Sobre sexo” (14 anos, sexo masculino).

Dentre as atividades que os sujeitos adoram realizar nas horas de folgas são: esporte, passeio, ir à piscina, assistir à TV, baralho, videogame/computador, sair com os amigos. Entre os sujeitos do sexo masculino prevalece o esporte e joguinhos; no sexo feminino o passeio, assistir à TV, computador.

Os sujeitos relataram que, em sua maioria, possuem celulares e computador. No celular ouvem músicas, brincam com joguinhos. No computador, brincam com joguinhos, baixam músicas, entram em sites como MSN, ORKUT, YOUTUBE:

Tabela 4 Tempo em que ficam no celular e no computador.

	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos
Celular	5h40 min	1h05 min	9h07 min	0h55 min
Computador	4h35 min	1h20 min	1h50 min	3h45 min

Fonte: Elaborada pelos autores

Os sujeitos, quando questionados pela pergunta: “todo adolescente é um aborrecente?” ficaram muitos divididos; alguns se consideram aborrecentes; para outros a frase é incorreta; para outros depende da situação ou do momento. Percebe-se que a resposta do sujeito remete à maturidade deste sobre a fase que está passando. Sujeitos preparados possuem uma visão positiva desta fase, bem como o seu contrário é verdadeiro:

“essa frase é incorreta pra mim, acha que aborrecente é chato, que enche o saco? E sem a gente o que ia virar? Acho que isso não se deve levar em consideração. Acho que hoje em dia não tem mais “ah é fase” não pode considerar, antes era mais presa, mas acho

que hoje é mais liberal. Adolescente é uma fase que não é mais criança e não é adulto ainda, tá meio termo, é uma fase. Você não pode pegar um carro e sair correndo, mas não pode ficar em casa, tem que sair, se divertir, acho que é isso.” (15 anos, sexo feminino).

Os responsáveis pelos sujeitos foram submetidos ao questionário Child behavior checklist, na qual se avaliaram apenas os problemas de comportamentos dos adolescentes. Apenas dois sujeitos do sexo feminino com idades de 13 e 15 anos, apresentaram escores acima de 67, configurando problemas de comportamentos. Dentre as características que se repetiram entre estes sujeitos foram: discutem muito; é vaidoso; não conseguem tirar certas ideias da cabeça; não conseguem ficar sentados sossegados; é irrequieto ou hiperativo; exigem muita atenção; fica ciumento com facilidade; tem medo de animais, situações ou lugares; tem medo de pensar ou fazer alguma coisa má; acha que os outros o perseguem; as pessoas riem dele; é nervoso, muito excitado ou tenso; cansa-se demais; grita muito; mostra-se pouco à vontade ou facilmente embaraçado; fala demais; preocupa-se demais com a limpeza ou a elegância. Esses itens, embora alguns comuns na adolescência, representam comportamentos que podem indicar problemas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os adolescentes entrevistados possuem escolaridade condizente com suas idades. E as respostas apresentadas indicam as características comuns e conflitantes desta fase de desenvolvimento.

Os participantes têm bom conhecimento das mudanças físicas do corpo, reconhecem e buscam a liberdade e autonomia comum a todos os adolescentes, embora os participantes mais velhos reconheçam a necessidade dos limites. Possuem um bom conhecimento

sobre sua sexualidade, por conversarem principalmente com os amigos sobre este tema, bem como possuem informações esclarecedoras sobre as drogas.

Os participantes, como observados em outros estudos, utilizam recursos tecnológicos com facilidade. Eles passam, em média, 3 horas diárias no computador, mantendo contatos com amigos via MSN e ORKUT. Seriam interessantes novos estudos para confirmar esses dados, assim como explorar a maneira como o uso destes recursos tecnológicos reflete em seus relacionamentos.

REFERÊNCIAS

BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2003.

BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1997.

CHIPKEVITCH, E. **Puberdade & adolescência: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais**. São Paulo, SP: Roca, 1995.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1972.

FORTE, M. J. P. O adolescente e a família. **Pediatria (São Paulo)**, v. 18, n. 3, p. 157-161, 1996. Disponível em: <<http://www.pediatrizaopaulo.usp.br>>. Acesso em: 2008.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo, SP: Cortez; Brasília: UNICEF, 1994.

LANE, S. T. M. **Psicologia social**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2002.

MENEZES, L. H. P. Ser adolescente: entrelaçando afetividade, diálogo e grupo cultural de pertencimento. **Olhares & Trilhas**, v. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br>>. Acesso em: 2008.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2005.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5. ed. rev. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2003. 223 p.

Recebido em: 02 abril 2009.

Aceito em: 29 fevereiro 2012.